Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte OESP
Data 10/10/96 Pg A1 e A18
Class. Waimiri Atroari
476

SP, RJ, MG, PR e SC: R$ 1,00
Demais Estados: ver tabela na página A4

EDIÇÃO SÃO PAULO

O ESTADO DE S. PAULO

RUY MESQUITA
Diretor-responsável

Julio Mesquita (1891-1927) *Julio dee Mesquita Filho (1927-1969)* ANO 117 QUINTA-FEIRA Nº 37.612 SÃO PAULO, 10 DE OUTUBRO DE 1996 *Francisco Mesquita (1927-1969)* *Julio de Mesquita Neto (1969-1996)*

Reeleição será votada junto com reforma

Hormônio da gravidez age contra HIV

O professor Robert Gallo, um dos descobridores do vírus da Aids, disse ontem que o hormônio que regula a gravidez (HGC) poderá ser a chave para a neutralização do HIV. Muitos filhos de soropositivos nascem soronegativos provavelmente por causa desse hormônio, segundo o pesquisador americano. No momento, ele tenta descobrir qual é a fração do hormônio que inibe o vírus. **Página A19**

Índios isolam a maior mina de cassiterita

ULISSES CAPOZOLI
Manaus

Um grupo armado de 110 índios uaimiris-atroaris invadiu terça-feira o posto de segurança da mina de cassiterita em Pitinga, no sul de Roraima. A maior produtora do minério do mundo é da empresa Paranapanema. Os índios querem receber pelo uso da estrada que passa dentro da reserva. A empresa não aceita. **Página A18**

Pé-de-guerra Itamar Miranda/AE

Índios uaimiris-atroaris se armam e bloqueiam estrada por onde é escoada a cassiterita da maior mina do mundo: conflito

Cresce número de fusões de empresas

O número de fusões e aquisições de empresas no Brasil de janeiro a setembro deste ano [illegible] período de 1995. No ano passado houve 155 operações e neste ano 223, segundo a consultoria KPMG detectou 87 transações, média de um negócio por dia. O capital estrangeiro apareceu em [illegible] ção a empresas nacionais. Os setores mais procurados neste ano foram os de alimentos, be-

FH assume convocação do Congresso em janeiro e mostra vantagens do sistema americano

O presidente Fernando Henrique Cardoso já tomou a decisão política de convocar o Congresso em janeiro para concluir as reformas administrativa, tributária e previdenciária. Ele alega necessidade de urgência. O Palácio do Planalto espera enviar ao plenário, nesse período, a emenda que permitirá a reeleição de FH. Líderes dos partidos governistas foram ontem convencidos pelo presidente de que o modelo dos Estados Unidos é o mais válido para a regulamentação da reeleição, por permitir ao chefe do Executivo disputar novo mandato sem deixar as funções. **Páginas A4 e A5**

Montoro leva apoio tucano a Erundina

O deputado federal André Franco Montoro, um dos principais líderes do PSDB paulista, anunciou que vai apoiar a candidata do PT à Prefeitura, Luiza Erundina. Ele disse que manterá a decisão mesmo que o partido tome atitude contrária. Mário Covas disse que [illegible]

Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte OESP
Data 10/10/96 Pg A18
Class. 476

CONFLITO

Índios invadem mina da Paranapanema em RR

Grupo armado uaimiri-atroari bloqueia maior área de produção de cassiterita do mundo

ULISSES CAPOZOLI
Enviado especial

MANAUS — Um grupo fortemente armado de 110 índios uaimiris-atroaris invadiu no final da tarde de anteontem o posto de segurança da mina de cassiterita em Pitinga, em Presidente Figueiredo, no sul de Roraima, a 110 quilômetros ao norte de Manaus. A mina, maior produtora de cassiterita (minério de estanho) do mundo, pertence à empresa Paranapanema. Com ela desativada, o Brasil teria de importar esse metal.

Com a invasão do posto de segurança, os uaimiris-atroaris, que somam 705 índios distribuídos numa reserva de 2,58 milhões de hectares, radicalizaram a posição que vinham mantendo desde domingo. Nesse dia, eles bloquearam a estrada de escoamento de minério, de 45 quilômetros de extensão, que liga a mina à BR-174 e passa pelo meio da reserva. Os uaimiris-atroaris fecharam a estrada de terra com troncos de árvores e ameaçavam disparar com arcos de pau-brasil e flechas de ponteira metálica os que ousassem furar o bloqueio.

Na vila mantida pela Paranapanema moram 3 mil pessoas, incluindo crianças filhos dos funcionários. O **Estado** foi o único jornal que, com a concordância da liderança dos índios e da segurança da empresa, separadas por uma cautelosa distância de 3 quilômetros, conseguiu entrar na sede da mineradora e falar com seus diretores.

Um engenheiro, que tem a mulher e os filhos morando na vila, estava muito tenso e com medo de que os líderes pudessem perder o controle sobre o grupo de guerreiros e a área de moradia fosse invadida.

O principal ponto de atrito entre os uaimiris-atroaris e a Paranapanema é o pagamento pelo uso da estrada de escoamento do minério. Os índios querem que a empresa lhes dê um caminhão de minério para cada 200 carregamentos que saem mensalmente da mina. A empresa, que pertencia à família Lacombe e foi vendida a um fundo de pensão, não concorda. Ricardo Dequech, diretor de divisão de estanho da Paranapanema, disse que esse pagamento pode levar a empresa, que tenta recuperar-se economicamente, a operar no vermelho.

Euzivaldo Queiroz/A Crítica

Índios fecham estrada para a mina de cassiterita: objetivo é passar a receber um caminhão de minério a cada 200 carregamentos

Mário Parwe, um dos 14 líderes uaimiris-atroaris, garante que sem o pagamento não haverá acordo. A 70 quilômetros da mina está a mudança de mentalidade dos uaimiris-atroaris. Muitos deles, como o próprio Parwe, falam e lêem o português. Com isso, vêm examinando a documentação da Fundação Nacional do Índio (Funai) e afirmam terem descoberto que foram lesados pela fundação nos anos 70. De forma irregular, a Funai teria autorizada a Paranapanema a extrair cassiterita do território uaimiri-atroari, desmembrando uma área de aproximadamente 500 hectares. A tese é sustentada no livro *Uaimiri-atrori, a História que Ainda não Foi Contada*, do sertanista José Porfírio de Carvalho. O sertanista, ex-funcionário da Funai, foi o responsável pela atração dos uaimiris-atroaris, também nos anos 70, quando 19 pessoas da equipe de Carvalho foram mortas por esses índios, alguns a golpes de facão.

Os registros históricos mostram, no entanto, que essa violência foi desencadeada pelos brancos. Os uaimiris-atroaris viviam próximos de Manaus, mas, devido aos constantes ataques que sofreram, recuaram para a mata fechada e fixaram-se na bacia do Rio Alalau, um dos afluentes do Rio Negro. Atualmente, Porfírio Carvalho está ligado ao Programa Uaimiri-atroari, que tem convênio com a Eletronorte, empresa responsável pela construção da Hidrelétrica Balbina em território indígena. O programa, que dá apoio nas áreas de saúde, educação e manutenção de vigilância da reserva, possibilitou que a população dos uaimiris-atroaris subisse de 374, em 1987, para os atuais 705.

No território uaimiri-atroari também vive um grupo ainda não contactado por brancos — os piriutitis — do qual os próprios waimiris-atroaris deram notícias. A administração da Paranapanema vem alertando a Funai em Brasília, há dias, para o cerco dos índios. No final da tarde de anteontem, um funcionário da empresa falou com o representante do Ministério da Justiça, pedindo a presença na área de agentes da Polícia Federal. Ricardo Dequech teme que alguns de seus seguranças e caboclos da região se irritem com as ameaças dos índios e disparem contra eles, começando um conflito perigoso para ambos os lados.

Há anos, os índios vêm denunciando a contaminação das águas do Alalau pela mineração da cassiterita. Anteontem à tarde, Mário Parwe e José Maria Lara Warakaxi, da aldeia Parurum, a 100 quilômetros de distância da mina, repetiam que a poluição do rio e dos igarapés arruinou a qualidade da água consumida pelos índios.

O biólogo Sérgio Nogueira Cleto, do Programa Uaimiri-Atroari, diz que isso ocorre pela ruptura das barragens de contenção das águas utilizadas na lavagem do minério, especialmente nas épocas de chuvas mais pesadas, que começam agora na Amazônia.

Ricardo Dequech diz que a atual administração está na região há pouco mais de seis meses e vem fazendo o possível para recuperar a mina e sanear os problemas ambientais. A oferta da Paranapanema aos uaimiri-atroaris é de R$ 20 mil ao mês, o que, em dez anos, equivale aos R$ 1,68 milhão que o governo do Amazonas pagou aos índios para a conclusão da BR-174, ligando Manaus a Boa Vista (RO) e daí chegando até Caracas, na Venezuela, numa extensão de 3 mil quilômetros. A liderença indígena justifica que quer o dinheiro não para uso direto da tribo, mas para recuperação do território, que lhes pertence historicamente e no passado estava livre de problemas ambientais.